



***A SEXUALIDADE NA ESCOLA: DISCURSOS VEICULADOS NAS
SÉRIES BIG MOUTH E SEX EDUCATION***

***SEXUALIDAD EN LA ESCUELA: DISCURSOS PROPORCIONADOS EN
LAS SERIES SERIES BIG MOUTH Y SEX EDUCATION***

***SEXUALITY AT SCHOOL: DISCOURSES CONVEYED BY BIG MOUTH
AND SEX EDUCATION SERIES***

Rosiane Orendé da Silva¹

Bárbara Hees Garré²

Ana Gabriela da Silva Vieira³

RESUMO

A escola é instituição na qual funcionam variados mecanismos de poder – disciplinares e, também, biopolíticos. Partindo da problematização foucaultiana acerca da sexualidade e, portanto, entendendo que a sociedade em que vivemos faz circular continuamente discursos sobre o sexo, nos afastamos dos discursos políticos neoconservadores que argumentam que a escola não é um lugar onde se fala de sexualidade. A escola profere discursos sobre o sexo e a sexualidade cotidianamente, ao propor práticas curriculares pautadas no gênero e ao disciplinar os corpos dos sujeitos a comportamentos considerados úteis ou aceitáveis. Para além disso, os discursos que circulam na escola se estendem a socialização entre os(as) estudantes, que trocam aprendizados e experiências. A partir de metodologia de análise discursiva de inspiração foucaultiana, nas séries da Netflix analisadas – *Sex Education* e *Big Mouth* – vê-se a circulação de discursividades sobre a sexualidade na escola, que aparece enquanto espaço no qual os(as) jovens são subjetivados e aprendem uns com os outros a respeito do sexo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Sexualidade. Escola. Foucault.

¹ Mestre em Educação e Tecnologia. Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSul, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Doutora em Educação Ambiental. Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSul, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Doutora em Educação. Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

RESUMEN

La escuela es una institución en la que operan diversos mecanismos de poder – disciplinarios y también biopolíticos. Partiendo de la problematización de Foucault sobre la sexualidad y, por tanto, entendiendo que en la sociedad en la que vivimos circulan continuamente discursos sobre el sexo, nos alejamos de los discursos políticos neoconservadores que sostienen que la escuela no es un lugar donde se habla de sexualidad. La escuela emite diariamente discursos sobre sexo y sexualidad, proponiendo prácticas curriculares basadas en el género y disciplinando los cuerpos de los sujetos a comportamientos considerados útiles o aceptables. Además, los discursos que circulan en la escuela se extienden a la socialización entre estudiantes, quienes intercambian aprendizajes y experiencias. Basado en la metodología de análisis discursivo inspirada en Foucault, en las series de Netflix analizadas – Sex Education y Big Mouth – vemos la circulación de discursos sobre sexualidad en la escuela, que aparece como un espacio en el que los jóvenes se subjetivizan y aprenden unos de otros sobre sexo.

PALABRAS-CLAVE: Discurso. Sexualidad. Escuela. Foucault.

ABSTRACT

The school is an institution in which various mechanisms of power - disciplinary and also biopolitical - work. Starting from the Foucauldian problematization about the sexuality and, therefore, understanding that the society we live in continually circulates discourses about sex, we move away from neoconservative political discourses that argue that school is not a place where sexuality is talked about. . The school gives speeches about sex and sexuality on a daily basis, by proposing curricular practices based on gender and by disciplining the subjects' bodies to behaviors considered useful or acceptable. In addition, the discourses that circulate in the school extend to socialization among students, who exchange learning and experiences. Based on the methodology of discursive analysis inspired by Foucault, in the analyzed Netflix series – Sex Education and Big Mouth – we see the circulation of discourses about sexuality at school, which appears as a space in which young people are subjectivized and learn from each other about sex.

KEYWORDS: Discourse. Sexuality. School. Foucault.

* * *

Introdução

Embora estejamos em um momento histórico no qual discursos neoconservadores circulam com intensidade, propagando a ideia de que assuntos como sexualidade e gênero devem ficar de fora do espaço da escola, cabendo apenas à orientação de cada família, não se pode negar que no cotidiano escolar professores(as), funcionários(as) e alunos(as) são diariamente atravessados por tais temáticas.

Isso pois os(as) alunos(as) não vão à escola como seres desprovidos de sexualidade, apenas para serem doutrinados por um(a) ou outro(a) professor(a) “ideologista de gênero”, como querem acreditar certos setores da sociedade. De outra forma, os(as)

alunos(as) – assim como todas as pessoas – estão constituídos(as) no e pelo dispositivo da sexualidade (Michel Foucault, 2017), que funciona de forma imperativa desde a Modernidade – período que o autor conceitua como tendo iniciado por volta do século XVIII, no contexto europeu.

Neste artigo, pretendemos olhar para o espaço da escola como um *locus* privilegiado de funcionamento desse dispositivo, a partir da circulação constante de discursos sobre sexo, orientação sexual, masturbação, entre outras questões relacionadas. Dentro dessa proposta tão ampla, gostaríamos de olhar, de forma específica, para aquelas discursividades que são veiculadas por algumas séries disponíveis no streaming – ou seja, em sites nos quais há um catálogo de filmes e séries que podem ser assistidos a qualquer hora pelos assinantes.

Para este artigo, escolhemos nos deter em duas séries próprias da plataforma de *streaming Netflix*, que mostram sujeitos em idade escolar, convivendo no espaço da escola e vivenciando experiências de sexualidade. A análise se dará de forma a entender que discursividades são veiculadas por tais séries acerca da sexualidade no ambiente escolar. Assim, partiu-se de procedimentos metodológicos alinhados a uma análise do discurso foucaultiana.

Para tanto, dividiremos este artigo em três partes: a primeira fará uma discussão acerca das questões relativas à sexualidade e como elas circulam no espaço da escola; a segunda traçará os contornos teórico-metodológicos, a partir de Michel Foucault; e a terceira tratará dos resultados e discussões.

Discussões sobre a sexualidade e a escola

Apoiando-se em uma perspectiva foucaultiana, Guacira Louro (2020) argumenta que, na atualidade, têm se multiplicado as discursividades acerca da sexualidade, os saberes a respeito dos prazeres. Neste contexto, as ditas “minorias sexuais” – sujeitos que não se encaixam, de alguma forma, na norma heterossexual – vêm alcançando maior visibilidade e, também, protagonizando embates com setores sociais contrários a essa pluralidade sexual.

Para a autora, para compreender a multiplicidade de gêneros e sexualidades, não é mais suficiente o tradicional binarismo entre homem/mulher, feminino/masculino, homo/heterossexual, entre outros. Louro (2020) problematiza tais binarismos, argumentando que não se trata de contrapor dois discursos opostos, mas entender que os discursos estão constantemente se modificando, se deslocando e se dispersando.

É diante disso que a autora defende a teoria *queer* enquanto perspectiva teórica que irá analisar as posições de sujeito a partir dos mecanismos de saber e de poder em funcionamento, que produzem relações e modos de agir. A teoria *queer* não está focada em identidades fixas (sejam elas sexuais ou de gênero), mas abarca as diferenças que transgridem a heteronormatividade. Isso não significa dizer, é importante destacar, que os sujeitos não-heterossexuais estejam livres de qualquer norma ou da ação dos mecanismos de poder; a autora explicita que existem regulações agindo sobre homossexuais, bissexuais e outras posições de sujeito.

O que mais importa frisar, para o objetivo desse artigo, é que, frente a essa multiplicidade da sexualidade, a escola se vê diante de sujeitos e práticas com os quais apresenta dificuldades em lidar e que, por vezes, constituem resistências a algumas de suas estratégias normalizadoras. Louro (2013) argumenta que a escola orienta suas práticas a partir de padrões de sexualidade e de gênero, dando a posição central a figura do homem branco heterossexual, que constitui a principal referência para as práticas pedagógicas.

Sendo duas das autoras deste artigo professoras da Educação Básica, notamos cotidianamente que os materiais didáticos, assim como as diretrizes nacionais, estaduais e municipais que orientam o conteúdo a ser ministrado em sala de aula, privilegiam de forma constante a referência do homem branco heterossexual. Contamos aos(as) alunos(as) a história desses homens, de suas contribuições para sociedade como governantes, artistas, religiosos, economistas, guerreiros, etc.

No entanto, a escola não é feita apenas de livros e diretrizes curriculares. Ela é feita de pessoas, de corpos que são subjetivados de forma distinta, e que se expressam das mais diferentes formas. Silvana Goellner (2013) corrobora com esse pensamento, na medida em que argumenta que a produção dos corpos dos sujeitos não passa por uma recepção passiva do que a cultura os impõe. Sendo a escola um espaço no qual os(as) jovens sociabilizam uns com os outros e são subjetivados para muito além do currículo oficial, Rafael Limongelli e Silvio Gallo (2020) pintam o seguinte quadro:

Saidinhas para algum lugar depois da aula. Escapadas no intervalo de uma aula e outra no murinho detrás da quadra. Cartas e mensagens e poemas e áudios intermináveis experimentando pequenas sacanagens com apaixonamentos vorazes. A vida e o sexo pedindo passagem, fazendo tremer as barras de ferro que separam a cidade toda da escola. (Limongelli; Gallo, 2020, p. 179).

A visão que os autores têm do espaço da escola, deste modo, não é uma visão limitante segundo a qual a escola é uma instituição protegida e apartada da sociedade e dos discursos que circulam na mesma. Se outros modos de ser e outras discursividades vêm capturando os(as) jovens, para além dos padrões de gênero e sexualidade, isso também aparece dentro da escola, desestabilizando sua organização.

Limongelli e Gallo (2020) argumentam que a sociedade de hoje busca governar os corpos para que os sujeitos sejam moderados, para que vigiem a si próprios, para que sirvam aos interesses de uma governamentalidade neoliberal, pautada na estatística, no empreendedorismo, nos interesses mercadológicos. Isso aparece de forma acentuada nos currículos e nos programas governamentais para a educação. Os corpos que fogem a norma heterossexual, são alvos de contínuas estratégias de adestramento dentro e fora das instituições educacionais. Para Eliane Maio, Fernando Silva e Márcio Oliveira (2020), as diferenças presentes dentro do espaço da escola, são frequentemente consideradas parte de um comportamento anormal, que forja corpos “monstruosos”.

Diante do exposto, gostaríamos de chamar atenção para pesquisa realizada por Letícia Nascimento e Shara Adad (2020), cujo objetivo era compreender os modos como os(as) jovens vivenciam e entendem a sexualidade dentro do espaço escolar. Os(as) jovens chamam atenção para o fato de que esse aprendizado ocorre no contato entre eles(as), a partir de conversas entre amigos(as), e não se dão a partir das propostas de educação sexual da escola. Para esses(as) jovens, quando a escola trata de sexualidade, o faz para tratar de temáticas como doenças e gravidez na adolescência, deixando de lado os assuntos que despertam a curiosidade dos(as) alunos(as). Segundo as autoras, essa seria uma perspectiva higienista sobre o sexo, que foca em tratar dos seus perigos.

As vivências da juventude no espaço da escola podem ser de aproximação ou de afastamento dos padrões heterossexuais; neste sentido, Nascimento e Adad (2020) argumentam que existem casos de bullying e violências quando determinados sujeitos fogem às normas – e a escola, enquanto instituição, muitas vezes se exime de ações mais efetivas contra essas situações.

Para as autoras, nas brechas do currículo oficial, os(as) jovens aprendem a partir de “suas interações que ajudam em suas vivências afetivo-sexuais” (Nascimento; Adad, 2020, p. 341) e, assim, “eles criam suas próprias estratégias de saber-poder-prazer, que, em determinados momentos, poderão entrar em conflito ou consonância com as normas regulatórias da escola e da sociedade vigente” (Nascimento; Adad, 2020, p. 342).

Caminhos metodológicos a partir do pensamento foucaultiano

Foucault (2017) questiona a hipótese repressiva sobre a sexualidade, segundo a qual haveria um silenciamento em relação à mesma, além de uma série de interdições jurídicas, religiosas etc., sobretudo a partir do século XIX. Para o autor, de outro modo, se fortificou na modernidade uma incitação para falar sobre a sexualidade, confessar práticas e pensamentos.

O filósofo defende que somos, de outra maneira, instigados a falar sobre sexo a partir do funcionamento dos mecanismos de poder. Assim, nossa sociedade historicamente “fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar” (Foucault, 2017, p. 13).

Em Foucault (2017), até mesmo as formas de repressão e proibição existentes, fazem parte de tecnologias de poder que estão atreladas a uma “vontade de saber” sobre a sexualidade e a uma constante colocação da mesma em discurso. Embora estejam submetidos a regras, a construções metafóricas e a determinações de lugares nos quais se pode ou não falar, os discursos sobre a sexualidade se multiplicaram nas últimas três centenas de anos, possibilitando o aparecimento de diferentes formas de sexualidade, para além daquela estabelecida como desejável – a saber, a sexualidade do casal formado por homem e mulher, unidos em matrimônio e comprometidos com a procriação. Mesmo as condutas sexuais que vieram a ser chamadas de “perversões”, entram no jogo de poder e também são produzidas discursivamente.

Neste contexto, o espaço da escola não seria um espaço que exclui a sexualidade, mas que produz discursos sobre a mesma. Foucault (1991) caracteriza a escola enquanto um espaço privilegiado para o funcionamento de técnicas que buscam hierarquizar os sujeitos, examiná-los, assujeitá-los, torná-los dóceis, aproximá-los ao máximo das normas constituídas.

Em *História da Sexualidade*, o filósofo soma as estratégias do biopoder às estratégias da disciplina, entendendo que o biopoder agiria não de forma específica sobre o sujeito, mas no governo da vida da população como um todo. A partir desses mecanismos de poder que se fortificam na Modernidade, Foucault (2017) argumenta que regras estabelecidas no interior da escola – como a separação dos(as) alunos(as) nos espaços e a vigilância – estão falando constantemente da sexualidade e não calando-se a respeito dela.

Para o autor, muitas regras passaram a funcionar na escola devido ao entendimento de que a sexualidade dos(as) alunos(as) existe e se manifesta. É justamente devido a essa existência que houve a necessidade de emergência de discursos ditos verdadeiros e razoáveis acerca da sexualidade, capazes de capturar professores(as) e estudantes.

Neste sentido, para Foucault (2017), a Modernidade é o período de emergência de um dispositivo de saber e de poder sobre a sexualidade. Tal dispositivo funciona em diferentes âmbitos, como o médico, o científico, o pedagógico, o moral, etc., abarcando discursos, instituições e sujeitos. O conceito de dispositivo, na lógica foucaultiana, engloba distintos mecanismos de poder e discursividades que funcionam a fim de governar os sujeitos, de conduzi-los a determinados comportamentos. A sexualidade é um dispositivo que age sobre os corpos dos sujeitos e seus prazeres, que estimula determinados discursos e constitui saberes acerca do sexo, a partir do funcionamento de mecanismos de poder. Nesse contexto, aparecem determinados discursos que, de certo modo, continuam a existir na atualidade, mesmo que com seus descolamentos e transformações.

Entre as discursividades mencionadas pelo autor, temos a noção de que o corpo da mulher teria uma sexualidade excessiva e que deveria ser contida; a ideia de que as crianças e adolescentes estão expostos aos perigos da sexualidade e precisam ser protegidos; e também o entendimento de que prazeres sexuais tidos como anormais devem ser considerados patológicos e receber tratamento médico.

Na correnteza das discussões suscitadas pelo autor, operamos metodologicamente na análise discursiva das séries, considerando alguns episódios mais marcantes para a temática da sexualidade, traçando um recorte para abordar cenas específicas de *Big Mouth* e de *Sex Education*.

O exercício analítico se dará a partir de procedimentos explicitados por Foucault (2014). O autor entende que os discursos não tem uma continuidade e também não são algo que está oculto e que nós, pesquisadores e pesquisadoras, iremos desvelar. De outra forma, os discursos são descontínuos, dispersando-se e deslocando-se com frequência, a partir daquilo que entra ou não na ordem do verdadeiro em cada contexto social; também, longe de ser algo que estaria implícito ou escondido nas séries, as discursividades que constituem *Big Mouth* e *Sex Education* se evidenciam, recorrente e fortemente, naquilo que os(as) personagens dizem e fazem.

Tendo sido feitas essas considerações de ordem teórica e metodológica, gostaríamos de passar ao tópico de resultados e discussões, no qual empreendemos nossa análise.

A sexualidade na série *Sex Education*

As duas séries a serem analisadas neste tópico – *Sex Education* e *Big Mouth* – são séries produzidas pela *Netflix*, e que até a atualidade ainda tem temporadas sendo lançadas. Primeiro, trataremos de *Sex Education*, que é uma produção audiovisual com atores e atrizes interpretando os(as) personagens; em seguida, trataremos de *Big Mouth*, que é uma série de animação.

A série *Sex Education* é uma série britânica, criada por Laurie Nunn e produzida por Jon Jennings; começou a ser exibida em 2019 e atualmente está em sua terceira temporada. A premissa da série já parte da dificuldade que a escola tem de tratar do tema de sexualidade de forma não higienista – argumento defendido por Nascimento e Adad (2020), que mencionamos anteriormente. Assim, os(as) estudantes encontram-se cheios de dúvidas que não são sanadas pelas instituições mais frequentadas por eles(as): a escola e a família.

Nesse contexto, o protagonista, Otis tem acesso a alguns saberes acerca da sexualidade, pois sua mãe é uma terapeuta especialista em sexualidade. Ele próprio não tem experiência sexual, mas seus conhecimentos acerca do assunto o levam a montar uma “clínica” com sua colega Maeve, dentro da escola. Com a “clínica”, eles dão conselhos sexuais os(as) estudantes em troca de compensação financeira.

A “clínica” de Otis e Maeve surge justamente quando os dois estão em um banheiro inutilizado da *Moordale Secondary School* – escola de ensino médio frequentada pelos(as) personagens da série – e se deparam com Adam, que é filho do diretor e tem uma educação familiar extremamente rigorosa, devido às ações de seu pai. Adam está preocupado com suas dificuldades em ter uma ereção para ter relações sexuais com a namorada, Adam recebe conselhos de Otis e acaba sendo o primeiro “paciente” da “clínica” clandestina que passa a funcionar no banheiro escolar.

No espaço da escola, portanto, passam a circular saberes que estão fora do currículo oficial da instituição educacional, relacionado às inseguranças, às formas de obter prazer em uma relação sexual e até mesmo aos modos de fazer práticas sexuais ou relacionadas ao sexo. O banheiro no qual funciona a “clínica” tem um visual que mostra como ele foi

abandonado pela instituição escolar (está sujo, mal pintado, não funciona, etc.), mas, ao mesmo tempo, foi apropriado e transformado em um espaço de convívio e expressão dos(as) estudantes, que o frequentam e deixam suas marcas fazendo desenhos nas paredes.

Acreditamos ser interessante ressaltar as vinculações entre o espaço do banheiro e os marcadores de gênero. Autores(as) como Thales Cervi *et al.* ressaltam como espaço vem sendo alvo de discussões e disputas em nossa sociedade, visto que a frequência nos banheiros é demarcada pelo enquadramento do corpo no binário padrão de gênero homem/mulher, a partir da lógica cisheteronormativa.

Os(as) supracitados(as) autores(as) argumentam que uma “mediação coletiva tendeu a separar, restringir e regular os usos individuais dos banheiros públicos, criando classificações que definem contatos possíveis e interditados” (Thales Cervi *et al.*, 2019, p. 346) na intenção de cercear contatos sexuais nesses espaços (incluindo os não consentidos). Porém, atualmente, a separação entre banheiro feminino e masculino enfrenta questionamentos, sobretudo no que concerne ao uso pela população trans e as violências sofridas por esses sujeitos ao escolherem usar um dos banheiros.

Na série que analisamos, o banheiro utilizado como “clínica” – por ser um espaço desativado – é frequentado por garotos e garotas, diferente dos demais banheiros da escola, que mantém a separação de gênero.

FIGURA 1: Imagem do banheiro no qual tem início a “clínica” de Otis e Maeve.



Fonte: Imagem retirada da série *Sex Education* na *Netflix*.

O já citado Adam tem uma trajetória interessante na série, pois acaba descobrindo que gosta de garotos. Em um primeiro momento, o personagem é caracterizado como um rapaz agressivo, que pratica *bullying* com outro jovem assumidamente gay: Eric. As atitudes violentas de Adam, como vamos vendo no decorrer da série, são motivadas por uma enorme pressão e rigidez por parte de seu pai, que é diretor da escola *Moordale*, fazendo com que nem nesse espaço ele esteja afastado de seus olhos vigilantes.

Robert Connell e James Messerschmidt (2013), ao tratarem do conceito de masculinidade hegemônica consideram que o mesmo se atrela a determinadas práticas, comportamentos e expectativas. Seria a forma de masculinidade normativa, a que “incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela” (Robert Connell; James Messerschmidt, 2013, p. 245). Os autores chamam atenção, inclusive, para o uso desse conceito no que diz respeito aos estudos no campo da educação, mais especificamente em casos de comportamento agressivo e *bullying* entre estudantes.

Porém, é preciso destacar, ainda segundo Connell e Messerschmidt, possíveis críticas a essa masculinidade hegemônica. É possível considerar que as masculinidades são múltiplas, não existe uma unidade, uma forma de ser única que orienta os homens. Assim, “é desejável eliminar qualquer uso da masculinidade hegemônica como fixa, como um modelo trans-histórico. Esse uso viola a historicidade do gênero e ignora a evidência massiva das transformações nas definições sociais da masculinidade”. (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 252).

Compreendemos que o personagem Adam busca aproximar-se de um ideal de masculinidade, a partir da relação com o pai, e que associa o “ser homem” a não demonstrar sentimentos e até a agressividade. A complexidade do personagem, que em um primeiro momento, explicita um suposto “ódio” por Eric advém do sentimento de aversão que Adam tem por si mesmo, já que não consegue aceitar sua própria sexualidade – como também tem desejos homossexuais, Adam não consegue se encaixar nos padrões da masculinidade hegemônica, necessariamente heterossexual.

É também no espaço da escola que o relacionamento entre os dois garotos se transforma, conforme eles vão desenvolvendo sentimentos um pelo outro e acabam por assumir um relacionamento. Diferente de Adam, que constantemente tenta se encaixar nos padrões heteronormativos, e só se permite experimentações diferentes com o corpo quando está escondido entre quatro paredes com o namorado (como usar maquiagem, por

exemplo); Eric, desde a primeira temporada, expressa-se de forma que transgride os padrões de gênero.

Outra personagem cujo desenvolvimento na série é pertinente observarmos, é Aimee. Na primeira temporada, que na “clínica” de Otis aprende sobre a necessidade de conhecer o próprio corpo e suas formas de ter prazer, ao invés de ter relações sexuais sempre com o objetivo de dar prazer ao seu parceiro. O direito das jovens de aprender sobre o prazer sexual – o que Aimee aprende com seus colegas de escola – é necessário em uma sociedade cujo discurso hegemônico é que a masturbação é uma atividade masculina e que a relação sexual termina quando o homem ejacula.

Esta visão sobre a sexualidade da mulher também tem sua construção histórica. Em *História da Sexualidade*, como já mencionamos, o filósofo explicita como o corpo das mulheres é tido como “saturado” de sexualidade, devendo ser alvo dos mecanismos de controle do dispositivo da sexualidade. Com a ação dos movimentos feministas e de defesa de uma dita liberdade sexual das mulheres, outros discursos vão entrando na ordem do verdadeiro, segundo os quais as mulheres teriam direito a ter prazer.

Entre outras cenas marcantes nas quais os(as) jovens expressam, aprendem, ensinam e falam sobre a sexualidade dentro do espaço da escola, para muito além do que a escola enquanto instituição está disposta a tratar em sala de aula, gostaríamos de chamar atenção para duas cenas da terceira temporada. Nesta temporada, há muitas tentativas de padronizar e moralizar os(as) estudantes de *Moordale*: é instituído o uso de uniformes e passa a ser proibido cabelos coloridos e piercings; o banheiro desativado no qual, na primeira temporada, ocorreu a “clínica” de Otis e Maeve, é derrubado; e são instituídas aulas de educação sexual na qual se separam meninos e meninas e se propõe um discurso moralizador sobre os perigos que o sexo representa.

Entendemos que essa perspectiva de educação sexual aparece como parte de uma estratégia biopolítica, que tem várias utilidades. Uma delas é a questão de saúde pública, visto que o sexo desregrado poderia levar a ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), de forma que é um problema da vida da população – inclusive, essa intervenção moralizadora do sexo por parte dos responsáveis pela escola *Moordale*, vem após um suposto surto de clamídia que teria acontecido entre os(as) alunos(as).

Além disso, no caso dos sujeitos de idade escolar, ter relações sexuais ativas não atenderia ao sistema de utilidade da reprodução, dentro dos padrões estabelecidos e buscados socialmente – que seria ter filhos(as) quando adulto(a), casado(a), estabelecido(a) financeiramente, etc. Então, para os(as) jovens de *Sex Education*, a

gravidez aparece como indesejada e perigosa, e as aulas de educação sexual tem a intenção de preveni-la. Sendo assim, vemos que, como aponta Foucault (2017), “cumprir falar do sexo como de uma coisa que não deve ser simplesmente condenar ou controlar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar em um padrão ótimo” (Foucault, 2017, p. 27).

Em uma das cenas, a então diretora da escola chama um grupo de estudantes para o palco do auditório e os humilha na frente dos demais alunos(as), explicando porque eles(as) seriam a vergonha da escola Moordale e prejudicariam a imagem da instituição e dos(as) seus(suas) colegas. Entre os(as) alunos(as) expostos(as) está Lily, que escreve textos e histórias em quadrinho sobre alienígenas, com um conteúdo erótico.

Na imagem, vemos a jovem com expressão de choro e usando uma placa no pescoço colocada pela diretora. Em tradução livre, a placa diz: “Eu escrevi palavras sujas e nojentas que causaram vergonha aos meus colegas”. Se pensarmos essa cena a partir das discussões que Foucault (1991) faz da escola, o entendimento da mesma como instituição disciplinar passa por aproximar todos(as) estudantes de uma norma, classificá-los e analisá-los. Aqueles que não se deixam capturar de algum modo, sofrem punições disciplinadoras. O “punir”, a partir da Modernidade, com o funcionamento do poder disciplinar, não tem um caráter de exclusão, mas de aproximar cada sujeito para o que é assumido como o normal.

FIGURA 2: Imagem de Lily sendo envergonhada pela diretora da escola.



Fonte: Imagem retirada da série *Sex Education* na Netflix.

Nessa cena fica evidente que as estratégias de poder sobre a sexualidade não agem apenas para reprimir ou silenciar, para fazer segredo. Na placa pendurada no pescoço de Lily, o sexo é colocado em discurso, é evidenciado ao máximo. Na cena, a aluna deve aparecer para todos(as) os(as) outros(as), deve ser exposta, para que possa ser conduzida a determinada forma de agir.

A vergonha, ao nosso ver, faz parte da ação pedagógica que Foucault (2017) indica como uma ortopedia discursiva que se exerce sobre alunos(as). Esses(as) não são alvos passivos dos discursos que circulam na escola, o desejável é que os(as) alunos(as) sejam capturados e normalizados por esses discursos, a ponto de vigiar e conduzir a si mesmos.

Os(as) alunos(as), no decorrer da temporada, ora cedem e ora se rebelam contra esses regulamentos. No entanto, ao final da temporada, em uma apresentação para os pais e possíveis investidores, os(as) alunos(as) resolvem transmitir um vídeo não autorizado, que defende sua liberdade sexual, seu direito de aprender sobre o sexo e de expressar-se das maneiras que desejam. Usando fantasias de pênis e vulvas, os(as) alunos(as) terminam o vídeo reivindicando que as escolas não ensinem os(as) alunos a ter vergonha de seus corpos e da maneira como eles(as) veem a si mesmos(as).

Destacamos que, falar sobre o sexo, a partir do que Foucault (2017) compreende como dispositivo da sexualidade, não é libertar-se dos mecanismos de poder sobre o sexo, ao contrário. Quando os(as) alunos(as) de *Sex Education* se expressam sobre seus desejos, ainda que contra a vontade da instituição escolar, eles(as) se aprofundam nas relações de poder vigentes em nossa sociedade que nos instigam a falar, a colocar o sexo em discurso, a fazer proliferar práticas, ainda que desviantes.

A sexualidade na série *Big Mouth*

Passamos à segunda série que gostaríamos de analisar, como já dito anteriormente, a série de animação *Big Mouth*. Em primeiro lugar, iremos situá-la enquanto produção audiovisual, assim como fizemos com *Sex Education*. *Big Mouth* é uma série estadunidense que tem como criadores(as) Andrew Goldberg, Nick Kroll, Mark Levin e Jennifer Flackett. Ela começou a ser exibida no ano de 2017, atualmente está em sua sétima temporada.

Big Mouth tem, como parte de sua ambientação, uma escola de Nova York. Nela, um grupo de estudantes – designados na série enquanto “pré-adolescentes” – buscam experimentar e descobrir suas sexualidades, as questões hormonais, seus desejos, e descobertas que seriam típicas da idade em que estão (13 anos).

Dentre os(as) personagens principais temos Nick e Andrew, que são melhores amigos e frequentam a mesma turma na escola. Entre os protagonistas, também podemos citar outra personagem, Missy, também colega dos garotos citados acima. No episódio *O Milagre da Ejaculação*, Andrew vai passar a noite na casa de Nick; em um primeiro momento, os dois amigos parecem tranquilos, envolvidos em uma situação comum para ambos, a de dormir na casa um outro. Até que Andrew, ao sair do banho só de toalha, é assustado por Nick e acaba deixando a toalha cair; Andrew fica encabulado e pede que Nick não olhe ele nu, porém ele observa o pênis avantajado do amigo e o crescimento dos seus pelos pubianos.

A partir desse momento, Nick se sente inferior por ter um pênis menor em comparação aos outros meninos da classe, e por não ter um desenvolvimento tão demarcado dos órgãos sexuais como o amigo, inclusive no que diz respeito aos pelos púbicos. Cabe ressaltar que, nos discursos hegemônicos de nossa sociedade, existe uma necessidade do homem em se mostrar viril para ser aceito; e essa dita virilidade é frequentemente associada à presença de pelos e, sobretudo, ao tamanho do pênis.

Ruann Ruani et al. (2021) chamam atenção para a necessidade que os homens têm de expressar que o tamanho de seu pênis é adequado. Para os autores

[...] o falo avantajado e a posição de ativo penetrante no ato sexual são centrais na constituição de uma masculinidade performatizada num modelo normalizador, pois na perspectiva da (cis)heteronormaa potência do homem associa-se ao tamanho de seu órgão genital e, por associação, ao uso que faz dele. (Ruann Ruani et al., 2021, p. 8).

Ainda que na série *Big Mouth* os personagens, majoritariamente, sejam bastante jovens e ainda não sejam sexualmente ativos, já existe neles essa preocupação quanto ao futuro. O tamanho do pênis se atrela a masculinidade hegemônica, dado que convencionou-se a noção de que é preciso que o homem tenha um órgão sexual de tamanho significativo ou não irá cumprir seu papel masculino de agradar uma parceira em potencial – ou um parceiro passivo, no caso de uma relação homossexual, como destacam Ruani *et al.* (2021).

Embora a mencionada cena entre os personagens Nick e Andrew tenha se desenvolvido fora do espaço escolar, é na escola que a situação tem seu desenvolvimento, visto que é ela o principal ponto de encontro entre os dois amigos. Nick acaba por se afastar de Andrew, que não entende o porquê. É em uma festa na escola que Nick encontra

um momento propício para comprovar sua masculinidade, convidando uma menina mais velha e considerada bonita para acompanhá-lo. A aceitação, neste caso, viria de mostrar-se viril enquanto um garoto capaz de conquistar a menina que todos os outros garotos desejam. O tiro acaba por sair pela culatra, pois a jovem em questão opta por ir à festa com outra pessoa.

Andrew também passa por uma situação difícil na mesma festa, ao ser convidado para dançar por Missy. Em meio a dança, com seu corpo encostado ao de Missy, Andrew vai se tornando excitado e acaba por não conseguir se controlar, ejaculando em suas próprias calças. Envergonhado, Andrew corre para o banheiro a fim de se limpar e Nick vai ao seu auxílio, os dois acabando por se reconciliar.

Na cena em que Andrew dança com Missy, vemos, atrás do garoto, um dos chamados “monstros hormonais” da série. Esses monstros aparecem em espaços privados e públicos (como o da escola) e são invisíveis para todos(as), com exceção do(a) personagem com o(a) qual dialogam. Tais monstros simbolizam justamente as reações dos corpos e manifestações de sexualidade que são difíceis de conter.

FIGURA 3: Imagem de Andrew ejaculando ao dançar com Missy.



Fonte: Imagem retirada da série *Big Mouth* na *Netflix*.

Neste episódio, é possível ver como o espaço da escola ultrapassa as aulas e o que é ensinado nas mesmas, sendo um espaço de experimentação do corpo. Afinal, foi ver o corpo de um amigo de escola que gerou as inseguranças em Nick, assim como foi dançar próximo a uma colega de escola que fez com que Andrew tivesse uma reação corporal de

forte excitação sexual. A falta de controle de Andrew em impedir seu orgasmo em uma festa escolar, mostra como o espaço da escola está cheio de corpos cuja sexualidade é pulsante, que não cessa de manifestar de inúmeras maneiras, independente das regras e normativas curriculares.

Outra situação ocorrida na série, da qual gostaríamos de tratar, ocorre no oitavo episódio da segunda temporada. Nele, Missy aparece tendo sonhos que fazem parte das fantasias dela ao se masturbar. Junto da garota, aparece “Agito” uma minhoca de pelúcia que tem “vida própria” e que é usada por Missy nos momentos de masturbação.

Ao saber que a menina iria passar a noite na escola para acompanhar o eclipse lunar, em uma “noite do pijama”, a minhoca tenta ir junto com ela, se atirando perto de sua mochila no momento da saída. Missy tem ideia de que a masturbação deve ocorrer apenas em seu quarto, uma vez que há um diálogo com “Agito” sobre a escola não ser um lugar para eles deitarem juntos, e então ela guarda a pelúcia na mochila.

Durante a noite, enquanto todos(as) estão observando as estrelas, Missy resolve ir se deitar no Ginásio, para dormir. Ela acaba por se aconchegar na minhoca de pelúcia e começa a esfregar-se nele. Neste momento, alguns(as) alunos(as) vão até o ginásio e a flagram. Missy se sente envergonhada e corre para o banheiro, onde aparece um dos outros “monstros” da série: o da vergonha. No diálogo, esse monstro a estimula a ter vergonha de si mesma e a pensar que todos na escola a julgariam, quando, de fato, a maioria nem viu o ocorrido.

A vergonha diante da masturbação, sobretudo para meninas, tem uma construção histórica. Foucault (2008), em *Os Anormais*, explicita que a masturbação da criança foi tida, na Modernidade, como um ato a ser contido e estar sob constante vigilância. Para o autor, durante os séculos XVIII e XIX, fortifica-se um discurso contrário a masturbação como se a mesma fosse a causadora de uma série de doenças e males. Nos textos médicos da época, se encontra “a descrição fabulosa de uma espécie de doença polimorfa, absoluta e sem remissão, que culminaria em todos os sintomas de todas as doenças possíveis ou, em todo caso, uma qualidade considerável de sintomas” (Foucault, 2008, p. 207).

Assim, embora na atualidade a masturbação não seja vista dessa forma, ainda existem deslocamentos desse discurso que a vê como nociva, de forma que as pessoas ainda se sentem constrangidas por tocar seu próprio corpo ou falar a respeito disso. Assim, em *Big Mouth*, Missy sente que tem todas as razões para sentir vergonha de seu corpo, de suas reações e expressões de sexualidade. Por outro lado, evidencia-se no discurso

científico atual uma noção de que conhecer seu próprio corpo e seu prazer seria algo saudável: que é um discurso reverberado tanto em *Big Mouth* (com a personagem Missy), tanto em *Sex Education* (com a personagem Aimee, em cena já mencionada nesse artigo).

Essa “defesa” da masturbação pode ser vista enquanto uma mudança na ordem discursiva vigente em nossa sociedade. Cabe ressaltar que, para Foucault (2014), “as grandes mutações científicas podem ser talvez lidas como consequências de uma descoberta, mas podem também ser lidas como aparição de novas formas de vontade de verdade” (Foucault, 2014, p. 15). Ou seja, não se trata simplesmente de pautar que atualmente os médicos e a ciência descobriram que a masturbação não faz mal, mas que, de outro modo, há possibilidades de emergência desse discurso hoje que não existiam nos séculos XVIII e XIX.

Existe um discurso atual em defesa do prazer sexual. Assim, da mesma forma como ocorre em *Sex Education*, em *Big Mouth* o contato entre os(as) estudantes no espaço escolar faz com que fortifique-se outros discursos, em prol da defesa de uma dita liberdade do corpo e da sexualidade. Muitos(as) dos(as) alunos(as) acabam por agir fora das regras da escola na intitulada “noite do pijama”, de modo que a ação de Missy com sua minhoca de pelúcia passa a ser apenas mais uma entre tantos comportamentos transgressores.

É importante destacar que cenas como a de Missy esfregando-se em sua minhoca em *Big Mouth* e, também, como a dos(as) alunos(as) de *Sex Education* fazendo um vídeo que defende sua liberdade sexual, não são atos que escapam dos mecanismos de poder. As formas de sexualidade periféricas, como explicita Foucault (2017), não são livres das relações de poder. Isso porque o poder sobre a sexualidade não diz apenas “não”. Ele captura diferentes formas de sexualidade, que são abarcadas pelo discurso científico.

A *scientia sexualis*, da qual fala Foucault (2017), que se forma a partir da modernidade, normalizando o sexo a partir de pressupostos científicos, ainda hoje funciona de diferentes maneiras. O discurso médico e científico sobre a sexualidade aparece de forma evidente nos “monstros” hormonais de *Big Mouth*, que seriam incontroláveis; assim como nas falas de Otis de *Sex Education*, que é tido como personagem lúcido a partir do momento que dá conselhos sexuais com base na experiência científica da sua mãe como psicoterapeuta.

Considerações Finais

A partir da análise de *Big Mouth* e *Sex Education* foi possível verificar que a escola, até os dias atuais, pode funcionar, em determinados momentos, enquanto instituição disciplinadora que busca normalizar os corpos dos(as) alunos(as), docilizando-os e moralizando-os. Neste sentido, a educação sexual proposta nos currículos oficiais, em grande parte das vezes, assume um caráter higienistas.

No entanto, os(as) jovens nem sempre se deixam capturar por essas estratégias; sendo atravessados por outros discursos sobre o corpo e a sexualidade e fazendo-os circular dentro do espaço da escola, onde constantemente há trocas e aprendizados informais sobre inúmeros assuntos, como o sexo, a masturbação, o assédio, as formas de cada corpo, entre outros.

Há, deste modo, um outro currículo, que funciona para além do oficial, e que é proposto pelos(as) próprios(as) estudantes em sua socialização cotidiana. Além da subjetivação dos(as) personagens das séries no espaço da escola, é preciso demarcar também, que os discursos reverberados por *Big Mouth* e por *Sex Education* subjetivam os espectadores, seus corpos e suas formas de gerir a própria sexualidade.

Referências

- CERVI, Thales de Almeida Nogueira; MISKOLCI, Richard; DIAS-DA-SILVA, Magnus; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. O banheiro público como dispositivo de gênero. *Bagoas*, n. 20, p. 327-363, 2019.
- CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: Masculinidade hegemônica: repensando o conceito repensando o conceito. *Estudos Feministas*, n. 21, v. 1, p. 241-282, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*: curso dado no Collège de France (1975). São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, v. 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira. Lopes; GOELLNER, Silvana. Vilodre; FELIPE, Jane. (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 30-42.
- LIMONGELLI, Rafael.; GALLO, Silvio. Cor nenhuma serve! A experiência ingovernável das juventudes e as possibilidades de uma trans-indisciplina curricular. In: CAETANO, Marcio; RODRIGUES, Alexandre; SOARES, Maria da Conceição Silva

(orgs.). *Queer(i)zando Currículos e Educação: narrativas do encontro*. Salvador, BA: Editora Devires, 2020. p. 179-191.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira. Lopes; GOELLNER, Silvana. Vilodre; FELIPE, Jane. (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 43-53.

LOURO, G. L. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 187-206.

MAIO, Eliane Rose; SILVA, Fernando Guimarães; OLIVEIRA, Márcio. Formação Docente e questões do corpo “monstro”. In: CAETANO, Marcio; RODRIGUES, Alexandre; SOARES, Maria da Conceição Silva (orgs.). *Queer(i)zando Currículos e Educação: narrativas do encontro*. Salvador, BA: Editora Devires, 2020. p. 353-367.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Currículo Crazy: Juventudes, Sexualidades, Aprendizagens e Cuidado de si. In: CAETANO, Marcio; RODRIGUES, Alexandre; SOARES, Maria da Conceição Silva (orgs.). *Queer(i)zando Currículos e Educação: narrativas do encontro*. Salvador, BA: Editora Devires, 2020. p. 336-352.

RUANI, Ruann; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teofilo de. Sentidos de masculinidades dissidentes através do uso do emoji de berinjela no Grindr. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 18, p. 01-20, 2021

Recebido em abril de 2024.

Aprovado em julho de 2024.